

---

# A construção social do desejo para as Ciências Sociais

*Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade.*

---

GAGNON, John.

---

Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 456 p.

---

John Gagnon é um sociólogo que marcou os estudos da sexualidade nas Ciências Sociais junto com seu companheiro de pesquisas William Simon através de um trabalho chamado *Sexual Conducts*, publicado originalmente em 1973 e ainda não traduzido para o português. Nessa obra, os autores lançam as bases para uma interpretação social das raízes do desejo sexual dos seres humanos. Eles desconstruem a idéia do desejo sexual como resultado de uma idiossincrasia individual das pessoas. Dessa maneira, vão contra a idéia salutar para a psicanálise sobre a elaboração do objeto de desejo sexual. Esse trabalho foi importante para os estudos em sexualidade a partir de seu

lançamento e para nomes importantes como Michel Bozon, Carole Vance, Gilbert Herdt, entre outros que, a partir de então, compartilharam essas idéias.

*Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade*, lançado no Brasil em 2006, é um apanhado de textos de diversos momentos da carreira do sociólogo. A obra vem, apesar do atraso – já que os primeiros textos fundamentais de sua carreira são de 1973 –, preencher uma lacuna importante nos estudos da sexualidade no Brasil.

O livro inicia-se com uma introdução bastante interessante do sociólogo Jeffrey Escoffier falando da importância do texto de Gagnon para as Ciências Sociais. Ele revela que Gagnon foi aquele que, com muita propriedade, se opôs ao caminho traçado anteriormente por Alfred Kinsey, famoso por seu relatório sobre a sexualidade humana. O autor revela que o livro faz parte de uma série de ensaios de textos que lhe permitem expandir seu pensamento sobre o assunto. Além disso, segundo Escoffier, com a epidemia da AIDS os textos de Gagnon ganharam ainda mais importância.

A obra de Gagnon, como é composta por um apanhado de textos de diversos momentos da sua vida acadêmica, segue uma seqüência

---

cronológica na qual é possível perceber as inquietações do autor com as recorrentes transformações da sexualidade no mundo contemporâneo e com os fenômenos que interferiram nessa sexualidade, como, por exemplo, o aparecimento da AIDS e a abertura maior para os relacionamentos homoafetivos.

Vale a pena, para compreender como Gagnon chegou à sua elaboração teórica, ler o "Prólogo", ao longo do qual ele remete suas influências intelectuais a nomes como Kenneth Burke, intelectual norte-americano que produziu nas áreas da Linguística, da Filosofia e da Sociologia, não muito conhecido entre os cientistas sociais no Brasil. Segundo Gagnon, esse foi um dos principais autores que o influenciaram a elaborar a sua teoria dos *roteiros sexuais*, certamente a mais importante teoria após o lançamento do relatório Kinsey.

O autor faz referências sobre a importância da apropriação que o senso comum faz da ciência para se entenderem os sentidos que as pessoas conferem à sexualidade. Seus argumentos são muito próximos aos que o psicólogo social romeno Serge Moscovici defende em seu texto clássico sobre a *Representação social da psicanálise*.<sup>1</sup> Mas Gagnon, em momento algum do seu texto, refere-se ao autor romeno. Talvez seja uma resistência do autor, que também critica a resistência dos pensadores europeus ao pensamento norte-americano, principalmente no campo das Ciências Sociais. Ele também traz argumentos que lembram o texto de Anthony Giddens sobre *As transformações da intimidade*.<sup>2</sup> Mas indubitavelmente a análise de Gagnon nesse primeiro capítulo tem muito mais suporte científico do que o texto do autor inglês. É interessante dizer que também o autor inglês em nenhum momento cita Gagnon em sua obra, mesmo sendo este autor considerado por muitos uma referência fundamental nos estudos da sexualidade a partir da década de 70. Assim, em determinados momentos tem-se a impressão de que os argumentos teóricos de Gagnon já foram lidos em outros textos de outros autores; mas, pela falta de diálogo entre os referidos autores, não é fácil precisar de quem são os argumentos originais.

No outro capítulo, intitulado "Os roteiros sexuais e a coordenação da conduta sexual" – texto publicado originalmente em 1974 –, Gagnon faz uma relação entre as abordagens sociológicas e psicológicas para a teoria da motivação. Para ele, a motivação nada mais é do que parte de adequação e de readequação social compartilhada dentro de contextos sociais.

Posteriormente, ele volta a criticar a visão psicanalítica de que toda a sexualidade se estrutura nas vivências da infância.

O autor explica, de forma clara, sua idéia sobre o que entende por *roteiros sexuais*. Para ele, os *roteiros sexuais* não se localizam como uma experiência concreta, mas sim como uma perspectiva de projetos ou mesmo de fantasias sexuais. Podemos identificar que o posicionamento do autor nessa época não é ainda tão sistematizado quanto nos seus textos de 1984, elaborados junto com Simon,<sup>3</sup> ou mesmo em seu texto de 1999, traduzido por Bozon e publicado nos *Actes de la recherche*.<sup>4</sup> Nestes últimos textos, o pensamento se mostra mais estruturado, e a compreensão sobre os *roteiros sexuais* é sistematizada para poder ser compreendida e utilizada no campo da pesquisa sobre sexualidade.

No capítulo "A ciência e a política da patologia", publicado originalmente em 1987, ele faz uma série de reflexões sobre as orientações sexuais. O autor define que as "preferências" são constituídas socialmente e que existe uma construção do desejo a partir do gênero, e não pelo sexo. O autor refere-se ao fato de que as pessoas consideram a homossexualidade resultado de algum tipo de trauma ou de problema individual, enquanto a heterossexualidade é vista como resultado natural dos processos de sexualização. Ele faz uma crítica severa sobre como a divulgação da ciência tem um papel importante na construção do preconceito e da discriminação no campo da sexualidade. Gagnon revela isso afirmando não compreender que a homossexualidade e a heterossexualidade sejam lados opostos, como originalmente a ciência da sexualidade afirmou através do relatório Kinsey.

A discussão de Gagnon está muito voltada, na primeira parte da obra, à ciência e ao papel do cientista na construção de estereótipos sobre os comportamentos. Não é à toa que ele se coloca de forma sistematicamente contrária a Ellis, Freud, Kinsey e a outros, pois, apesar de esses autores terem contribuído com a construção de novos conhecimentos, auxiliaram na elaboração de preconceito e de discriminação em relação a determinados grupos, principalmente contra mulheres e contra homossexuais.

Mas fica claro que a grande contribuição dessa obra lançada no Brasil são as discussões sobre o uso da teoria dos *roteiros sexuais* para explicar fenômenos importantes do ponto de vista da saúde pública, como, por exemplo, a epidemia de AIDS, uma vez que o autor deixa

presente, em toda a sua obra, a oposição que ele assume em relação às teorias que tomam a biologia como referência às explicações sobre a sexualidade. Em sua teoria sobre as motivações da sexualidade, estas são eminentemente sociais, e não há condicionamentos nem à biologia nem a determinações psíquicas. A sexualidade tem um sentido particular para determinados grupos de pessoas. Assim, não há comportamentos sexuais padrões sem se compreenderem os contextos nos quais eles são produzidos. Para o autor, a teoria dos roteiros se aplica a todas as condutas sociais, não somente à sexualidade.

Não fica presente, na obra de Gagnon, o que Ludwig Fleck, autor citado por ele, denomina de “comunidade de pensamento”. O autor não desenvolve muito o conceito, que penso ser muito próximo ao que Peter Berger e Thomaz Luckman chamaram de “construção social da realidade” em obra homônima publicada originalmente em 1966 e que já possui diversas edições no Brasil.<sup>5</sup> Vale dizer que as idéias tanto de Fleck quanto de Berger e Luckman são muito próximas às que defende Gagnon, na medida em que, para este último, não é possível compreender um comportamento sexual sem conectá-lo devidamente ao contexto em que ele se insere. Portanto, o risco nada mais é do que uma condição na qual as pessoas estão mais ou menos envolvidas, dependendo das condições e da produção cultural existentes no interior dos grupos.

Mas a grande idéia que o livro apresenta em torno de todos os seus capítulos é a tese que deu popularidade acadêmica a Gagnon. Segundo o autor, os *roteiros sexuais* dão sentidos às experiências sexuais das pessoas. Assim, existem para ele, dentro de um universo social, formas preditivas de comportamento a partir de situações específicas. O autor descreve, de uma forma muito detalhada, suas concepções sobre o que compreende como os três níveis que compõem os *roteiros sexuais*: os níveis intrapsíquicos, os interpessoais e os cenários culturais.

No texto intitulado “A busca do desejo”, de 1989, Gagnon inicia uma importante discussão para pesquisadores que estudam prevenção à AIDS, principalmente à medida que relata um momento histórico importante, que foi o final da década de 90, antes do desenvolvimento do chamado “coquetel”. Naquele momento, as discussões estavam diretamente ligadas às perspectivas de infecção de pessoas. A ciência estava preocupada em saber quantas pessoas

ficariam infectadas no passar de alguns anos da epidemia. É interessante que, em seu texto, ainda estão presentes dúvidas quanto à vulnerabilidade do sexo heterossexual para o HIV. Não estava claro que o HIV iria disseminar-se entre os heterossexuais. Mas Gagnon revelava, já naquela época, que a epidemia da AIDS foi usada quase como uma cruzada por uma nova moral, principalmente entre as prostitutas, que eram testadas à revelia.

O autor discute o que Cristiana Bastos<sup>6</sup> já fez em seu livro *Ciência, poder, acção: as respostas à Sida: o impacto das políticas da ciência sobre a epidemia e sobre a pesquisa científica*. Gagnon elabora essa discussão de forma muito subliminar, porque o seu intuito está nas discussões mais atreladas ao comportamento das pessoas. O que Gagnon faz é uma referência ao problema da produção científica sobre a AIDS e às relações de interesse internacional sobre a discussão. Ele inclusive dá um exemplo dramático quando relata, de forma muito interessante, como participantes de um congresso pouco se sensibilizaram sobre o relato de uma queniana que havia começado a falar sobre a situação da AIDS entre mulheres na África. Impossível não se lembrar do filme de Fernando Meirelles intitulado *O jardineiro fiel*.<sup>7</sup>

O autor critica as interpretações que ele considera um “construcionismo social fraco” e que ele caracteriza quase como uma continuação do positivismo, enquanto define que o construcionismo social forte, defendido por ele, tem relação direta com um universo simbólico que, a todo tempo, está atravessando os sujeitos que definem o próprio objeto como científico.

Por último, ele elabora uma análise sobre a sua obra clássica publicada em 1973, *Sexual Conducts*. Nesse texto, publicado em 1998, ele responde a perguntas e reluta em aceitar a afirmação de que as suas teorias tenham sido influenciadas pelo construcionismo social alemão de Berger e Luckman e pela fenomenologia de Alfred Schutz, dizendo que sua obra tem a influência do pragmatismo norte-americano. O autor define que a idéia central sobre sua obra seminal tem respaldo em uma interpretação baseada nos estudos sobre as carreiras profissionais, o que é tipicamente característico de estudo da Escola de Chicago.

O autor, ao final do livro, revela que sua teoria é para ele, de alguma forma, sombria ou pessimista, visto que, segundo a mesma, as pessoas seguem a vida através de roteiros que fazem com que etapas aconteçam de formas sucessivas dentro de suas vidas.

---

O que fica, no final dessa obra, é um sentimento ambíguo. Nem se trata da sensação de que se está lendo algo completamente novo – porque as idéias de Gagnon já estão disseminadas no Brasil por outros autores como Richard Parker, Maria Luiza Heilborn e Michel Bozon –, nem de que as idéias dele não podem revolucionar as pesquisas em sexualidade – uma vez que traz idéias interessantes para quem nunca o leu em seus textos originais.

Apesar da importância desse livro, ainda assim é necessária a tradução de outros textos que dêem maior clareza sobre a teoria dos roteiros sexuais, uma vez que, como o livro aborda diversos momentos do autor, acaba sendo superficial sobre a principal contribuição de Gagnon no campo dos estudos em sexualidade. Sem dúvida, entretanto, esse livro é um bom começo para quem não conhece o trabalho de Gagnon.

#### Notas

<sup>1</sup> MOSCOVICI, 1978.

<sup>2</sup> GIDDENS, 1993.

<sup>3</sup> GAGNON e SIMON, 1984.

<sup>4</sup> GAGNON, 1999.

<sup>5</sup> BERGER e LUCKMANN, 2003.

<sup>6</sup> BASTOS, 2002.

<sup>7</sup> O filme é um drama que aborda a discussão dos testes de medicamentos em seres humanos na África e suas implicações políticas.

#### Referências bibliográficas

- BASTOS, Cristiana. *Ciência, poder, ação: as respostas à Sida*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.
- BERGER, Peter, L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GAGNON, John. H. "Les uses explicites et implicites de la perspective des scripts dans les recherches sur la sexualité". *Actes de la Recherche em Scienes Sociales*, n. 128, p. 73-79, juin 1999.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades*. 2 ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SIMON, William; GAGNON, John H. "Sexual Scripts". *Society*, n. 22, 1984. p. 53-60.

Leandro Castro Oltramari ■  
Universidade do Vale do Itajaí e  
Universidade do Sul de Santa Catarina